

Integração de conteúdos inconscientes

Eliete Villela Pedroso Horta

Maria Cristina Minicuci

Olga Maria Fontana

Vera Lúcia Furtado Paschoa

A assimilação de uma função sempre acarreta crise, uma alteração de valores, vamos chamar assim. Como também a assimilação de um novo aspecto de uma estrutura outra, ou até de uma estrutura inteira, acarreta crise. Esses casos não decorrem sem umas fases críticas, isto é, sem uma sensibilidade aumentada, uma impaciência, e intolerância e todas essas manifestações tão cotidianas e tão humanas.

Por exemplo, uma pessoa sensitiva, em que se desenvolve essa sensibilidade, está vendo as coisas de modo muito direto, como se ocorresse uma transparência no inconsciente, mas não sabe aguentar essa transparência, por isso aquilo que começa a perceber, recebe do intelecto, já menos elaborado, ou bitolado, em termos tradicionais, em termos familiares, em termos de educação pela qual ela passou. Uma pessoa sensitiva fica tão unilateralmente disposta que não aguenta as vicissitudes da rotina cotidiana e, qualquer coisa que ocorra, já se irrita e até nem permite um tipo de controle e inicia reações violentas: gritos, ameaças, intolerâncias, intempéries, rompantes, repentinos, impaciência, e tudo isto, porque, nessas pessoas, existe uma determinada bitola, uma determinada faixa de comportamento ideal, idealizado, e tudo aquilo, todos aqueles que não correspondem a isto estão sendo quase, a gente pode usar esse verbo, todos aqueles são abominados e recebem um comportamento desse tipo. Essa é uma manifestação negativa da sensibilidade. Ao mesmo tempo, isto, antes ou depois, vai começar a afetar a atuação sensível dela.

Com isto lidamos cada dia. Esse é realmente nosso pão de cada dia porque, não só com mulheres, nos homens a gente pode observar alguma coisa análoga. A gente pode dizer simplesmente: se não assimilou os conteúdos inconscientes no grande arco programado para essa fase menor, nesse caso, então – veja aquilo que Jung tantas vezes aponta – o inconsciente, de um lado, em certa fase, vai reforçar essa resistência, depois vira-se contra a pessoa e começa a manifestar, através de seus conteúdos, uma oposição virulenta e violenta contra a atitude unilateral da consciência. Nem isto está, infelizmente, em muitos casos, reconhecida,

esta situação, pelo profissional. Acham que não sabe lidar adequadamente com sua agressividade, é assim, ou tem que aprender a lidar com emocional, ficam mais ou menos com esses slogans.

O trabalho corporal pode colaborar com a integração de conteúdos inconscientes. Não sei se lembram, por exemplo, aquele exercício que, com certos grupos, a gente fez, quando pessoas ficaram, dez ou oito, uma atrás da outra, e houve ou apenas um sopro coletivo, cada uma soprava no pescoço da outra, ou houve uma emissão sonora coletiva. Não era necessário que cada um sopre para cada um porque, dentro de uma linha de força atuante, um determinado estímulo transmite-se, assim, ao longo da linha inteira.

Existe aquele tipo de ditame que tudo está em conexão com tudo, isso é um antigo ensinamento, filósofos gregos já apontaram isto, e também orientais. Se eu lido, dentro de mim, com certos problemas, integrando-me de modo positivo, isto, imediatamente, emana um dinamismo integrador que atinge, independente do tempo e espaço, todos aqueles que estão se deparando com algo análogo dentro deles. Isto Jung várias vezes aponta também. Por ex., na “Psicologia e Alquimia”, onde ele aponta que certo modo de descrição de certas experiências foram entendidas só por aqueles que passaram pelas mesmas experiências, porque, para essas pessoas, as palavras, o que estavam se deparando com as experiências de determinadas palavras, determinadas expressões, determinadas imagens já estavam prontas, só precisam ser ativadas.

Então, aqui existe – a gente pode utilizar duas palavras – a indução, um dinamismo indutor em relação com as outras pessoas e/ou um dinamismo catalisador, aquilo que em certas pessoas ocorreria daqui a alguns anos, talvez vai ocorrer na metade do tempo. Porque, se alguém já abriu o caminho, isto já está aberto para todos. Existe uma analogia muito primitiva e muito, muito, muito convincente ao mesmo tempo: quando, nos Cárpatos, começa a cair neve – lá a neve pode chegar a um metro e meio – que fazem os camponeses? Fazem uma fila e o primeiro começa a pisar a neve e começa a bater a neve e durante 200 metros ele está batendo e os outros já têm o caminho, depois o último vem para frente -- ele vai ser o último -- e continua batendo e, dessa maneira, oito ou dez camponeses podem abrir um caminho de 5 km, seguros, assim na neve de um metro e meio.

Agora, isto podemos utilizar daquela forma como um compadre explicava o rádio para outro compadre que não sabia. Ele disse: imagina um grande cachorro, cujo rabo é o Rio, o focinho em São Paulo, e se você pisa no rabo, o focinho vai doer em São Paulo. O rádio é a mesma coisa, sem cachorro. Agora, no meu exemplo, é a mesma coisa, sem neve.